

A FORÇA DA MULHER DIANTE DA DOMINAÇÃO MASCULINA EM ALGUNS CONTOS DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

BIANCA MEIRA LOPES

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil.

E-mail: bialo_@hotmail.com

Resumo

O presente estudo traz para discussão três contos da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), cuja autora, Conceição Evaristo, é grande referência na atualidade no que diz respeito à literatura feminista. Os textos do livro em questão escolhidos para serem analisados aqui, são “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”, que, apesar de independentes um do outro, abordam o mesmo tema: a violência contra a mulher. Partindo disso, busca-se verificar como as mulheres protagonistas dos contos dão a volta por cima diante da agressão sofrida e não aceitam a submissão. Por meio de sua voz ou de seus atos, as personagens de Evaristo têm a palavra e a utilizam em prol da paz doméstica.

Palavras-chave

Conceição Evaristo. Literatura feminista. Violência.

INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo, grande estudiosa sobre racismo, gênero e violência contra os negros, dedica-se em sua literatura a tratar sobre esses aspectos, trazendo para a ficção muito do que se passa no cotidiano de várias pessoas desfavorecidas socialmente. Sendo assim, muitos(as) leitores(as) se reconhecem em seus personagens, sobretudo as mulheres negras, já que, em sua escrita, a autora dá destaque especialmente a estas, e, além disso, ela própria se assume como uma mulher afrodescendente.

Foi em 1990 que Conceição publicou seus primeiros escritos, na série intitulada “Cadernos negros”, “com poemas em que explora questões relacionadas à consciência negra” (THOMÉ, 2012, p. 190) e, após isso, não parou mais. Em toda sua trajetória literária, ela parece ter uma preocupação e um objetivo quanto ao fim do racismo e de tantos outros preconceitos, como o de gênero. Vale ressaltar que, juntado um ao outro, trazem grandes problemas para a sociedade, principalmente pensando na mulher negra, cujo aspecto será abordado neste estudo, por meio da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de 2011.

O livro em questão traz em seu todo 13 contos, em que são abordadas experiências de vida de mulheres negras, cujas vivências retratadas são: sexuais, psicológicas, traumáticas, afetivas e sociais. Apesar de se tratar de vários contos, há entre eles uma simetria importante, para a qual o título do livro já nos sugere: as protagonistas são mulheres negras, insubmissas ao machismo, ao patriarcalismo, ao racismo e à violência. Elas não aceitam nenhum tipo de submissão por puro preconceito: “São insubmissas na acepção de pessoas que lutam contra regimes políticos, rebelam-se com as leis ou as acham injustas, não aceitam ordens ou não as cumprem” (THOMÉ, 2012, p. 190).

Por tudo isso, percebe-se a postura feminista com que Conceição Evaristo escreve sua obra, já que mostra a resistência da mulher ante a violência de gênero, por meio da ficção. É nesse sentido e a partir desses apontamentos que o presente trabalho traz para discussão três dos contos que fazem parte de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, são eles: “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”.

Por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico, objetiva-se analisar como as mulheres protagonistas dos contos reagem à violência de seus companheiros, cuja agressão não é apenas verbal, mas também física. Com isso,

o estudo pretende mostrar por que Conceição Evaristo pode ser considerada referência no que diz respeito à literatura sobre gênero.

A MULHER NEGRA EM DESTAQUE

Pensando em um termo para designar a escrita de vivências em junção com a escrita, Conceição Evaristo (2016) criou a palavra “escrevivência”, usada especialmente para referir-se às histórias de vida das pessoas socialmente desfavorecidas, como a de mulheres negras. Logo na introdução de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a autora destaca que os contos narrados são o que ela chama de escrevivência.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016, p. 7).

Apesar de a obra ser ficcional, ela tem um teor real, visto que, “inventadas” e as histórias contadas no livro estão presentes na vida de mulheres e famílias. As agressões narradas fazem parte do cotidiano de muitas mulheres, como se vê diariamente nos noticiários, ou seja, o enredo não é algo desconhecido, pelo contrário, é mais comum na sociedade brasileira do que se pode imaginar. A narração de todos os contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* se dá por meio de histórias que a narradora reconta, ouvidas de mulheres negras que sofreram algum tipo de violência ou dificuldade e, por isso, Conceição Evaristo (2016) diz

na introdução que as histórias se confundem com as dela, já que, ao recontar, sempre se modifica algo, sendo essa a arte de contar. Assim, a escrevivência é o que se ouve, o que se sente e o que se vive, em uma junção com a ficção, ou, como Evaristo (2016) gosta de dizer, é a “invenção”.

A autora apresenta em *Insubmissas lágrimas de mulheres* um feminismo pensado nas mulheres negras, cujo posicionamento foi esquecido por muito tempo, como adverte Caldwell (2000). De acordo com professora, a teoria feminista no Brasil não iniciou seus estudos pensando na raça e no gênero, e, assim, deixavam-se de lado as mulheres negras, já que estas não se enquadravam nas mesmas reivindicações e ideologias das feministas brancas. Para Caldwell (2000, p. 94), isso se deve à lentidão com que as brasileiras incorporaram o “estudo da raça aos estudos sobre mulheres e à teoria feminista”. Além disso, a autora acredita que a discussão sobre raça dentro da teoria feminista não existia devido à falta das mulheres negras nas universidades, em função da pouca oportunidade e da discriminação. A teoria se voltava para as mulheres brancas, já que eram elas as pesquisadoras e, desse modo, as privilegiadas. A partir disso, “feministas negras mostraram que a falta de atenção à relação entre a dominação racial e a de gênero escondeu a cumplicidade de mulheres brancas com seu privilégio racial e reforçou o status subalterno das mulheres negras” (CALDWELL, 2000, p. 96).

Quanto à obra de Conceição Evaristo, ela se volta para essas mulheres que representam a minoria desprestigiada, em quem pouco se pensa. *Insubmissas lágrimas de mulheres* é uma obra ficcional dedicada às vivências (sofrimentos) de mulheres negras e contadas por elas mesmas, e não por um sujeito branco.

No livro, cada conto vem intitulado com o nome de uma mulher, que por vezes é a protagonista. A narradora, que se apresenta em terceira pessoa, é onisciente e sai em busca de histórias de mulheres para narrar seu livro. Vejamos como ela inicia a primeira história da obra, intitulada “Aramides Florença”: “Quando cheguei à casa de Aramides Florença, a minha igual estava assentada em uma pequena cadeira de balanço e trazia, no colo, um bebê que tinha a aparência de quase um ano” (EVARISTO, 2016, p. 9). Em todos os contos, a narradora se comporta da mesma maneira, disposta a ouvir o que essas mulheres têm a lhe dizer com muito interesse e paciência. Ela as considera sempre como suas iguais, como ela própria diz, e, assim, vai vivendo a história de vida de suas colegas juntamente com elas, demonstrando satisfação em conhecê-las.

No conto citado, em que a protagonista é Aramides Florença, ficamos sabendo de sua história pela voz da narradora e, assim, descobrimos que a personagem foi violentada por seu próprio marido, pai de seu filho, o qual foi muito desejado pelo casal. São várias as cenas de violência sofridas pela mulher. A primeira se deu quando ela ainda estava grávida:

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama (EVARISTO, 2016, p. 13).

Aramides mal sabia que o homem com quem vivia e de quem esperava um filho era o culpado pelo corte em sua barriga, já que o casal, sempre apaixonado, esperava com tanta ansiedade o filho que estava por chegar. O que ela não imaginava é que com a chegada do bebê viria o ciúme do marido, e, assim, seguia sem desconfiança, até que um dia um novo acontecimento se sucedeu e, novamente teve seu ventre como alvo.

Estava ela no último mês de gestação, quando meio sonolenta, já de camisola, mas ainda de pé, narcisicamente se contemplava no espelho do banheiro. [...] Pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que dele receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um ínfimo momento, ela teve a sensação que o gesto dele tinha sido voluntário (EVARISTO, 2016, p. 14).

Com a chegada do bebê, Aramides até se esqueceu dos últimos acontecimentos, porém não demorou muito para que o marido começasse a demonstrar de fato o ciúme que estava sentindo. Ele queria que ela pertencesse apenas a ele, como ilustra a passagem: “Passadas duas ou três semanas, uma noite, já deitados, o homem, olhando para o filho no berço, perguntou a Aramides,

quando ela novamente seria dele, só dele” (EVARISTO, 2016, p. 15). Com a pergunta inconveniente, é claro que a protagonista percebeu o que estava acontecendo, e não demorou muito para que o homem mostrasse de fato suas garras, apelando, dessa vez, para a violência sexual.

Estava eu, amamentando o meu filho – me disse Aramides enfatizando o sentido da frase, ao pronunciar pausadamente cada palavra –, quando o pai de Emildes chegou. De chofre, arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguira cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então. E, inexplicavelmente, esse era o homem. Aquele que eu havia escolhido para ser o meu e com quem eu havia compartilhado sonhos, desejos, segredos, prazeres... E, mais do que isso, havia deixado conceber em mim, um filho. Era esse o homem, que me violentava, que machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo. Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com o nosso filho, que chorava no berço ao lado (EVARISTO, 2016, p. 17-18).

Percebe-se a violência advinda da discriminação de gênero, em que o marido de Aramides pensa que a esposa é sua propriedade, que pertence a ele e por isso deve satisfazer suas necessidades; ele não suporta dividir a esposa nem mesmo com o próprio filho. No caso da protagonista, a violência sexual, que, em qualquer situação é sempre brutal e chocante, torna-se ainda mais grave quando sabemos da dor que Aramides sentiu fisicamente, pelos poucos dias em que tinha dado à luz seu filho.

Sobre esse assunto de violência sexual, Butler (1998, p. 27) cita como se dá o encaminhamento das denúncias de casos de estupro nos Estados Unidos: “A primeira cláusula sugere que ela ‘pertence’ ao lar, ao seu homem, que o lar é o lugar no qual ela é a propriedade doméstica daquele homem, e as ‘ruas’ a estabelecem como aberta à caça”. Apesar de não termos a pretensão de tratar

neste estudo sobre o estupro fora da relação conjugal, a citação serve para pensarmos sobre o machismo, em se achar que a mulher deve suprir as necessidades de seu companheiro pelo fato de ser esposa, como se fosse apenas um objeto para satisfazer o homem, desconsiderando desejos e vontades próprios. De acordo com Bourdieu (2012), em muitos casos a violência é advinda da ideia de virilidade, em que o homem, por vezes, deve sempre estarse afirmando como tal e, assim, as consequências chegam ao absurdo. A virilidade “é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.” (BOURDIEU, 2012, p. 67).

Neste sentido, a preocupação do homem é em se sentir homem, o que para ele depende fortemente de ter relações sexuais com uma mulher. Quando isso não é concedido por parte dela, ele se sente contrariado a ponto de usar a força física para conseguir o que quer. No caso de Aramides, ela diz:

[...] quando ele se levantou com o seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer. (EVARISTO, 2016, p. 18).

Assim, além da mulher ter que consentir na relação sexual, ainda é exigido que ela satisfaça muito bem o parceiro. Se isso não acontece, ela deixa de valer a pena, como anteriormente representado neste trecho citado.

Apesar de todo o sofrimento, a personagem de Conceição Evaristo tem forças para contar sua horrível história para a narradora, além de criar seu filho com tanto amor. A própria criança, logo no início da narrativa, por meio de um balbucio, demonstra a alegria em viver com a mãe, longe do pai.

Por uns momentos me esqueci da mãe e me perdi na contemplação do filho. Ele começou a balbuciar algo que parecia uma cantiga. Aramides me olhou, dizendo, feliz, que o seu filho pronunciava sempre os mesmo sons, desde que o pai havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida. Eu percebi, intrigada, que, tanto pelos sons, como pela expressão de rosto e movimentação de corpo do menininho, o melodioso balbucio infantil se assemelhava a uma alegre canção. Teria, a criança, tão novinha, – pensei mais tarde, quando ouvi a história de Aramides Florença, – se rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava? Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. (EVARISTO, 2016, p. 10).

Mesmo se tratando de um bebê, Emildes simboliza no barulhinho que pronuncia uma nova etapa em suas vidas, em que sua mãe é o que lhe basta para viver em paz. Apesar de o relato da protagonista à narradora ser um acontecimento muito triste em sua vida e na de seu filho, o presente da narrativa é feliz, em que Aramides e Emildes, sozinhos, se completam e se bastam um ao outro, cujo laço familiar também é realçado no conto “Shirley Paixão”, o terceiro da lista no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Nessa história, a protagonista, Shirley Paixão, e suas filhas, as de sangue e as de criação (suas enteadas) unem-se e simbolizam a união das mulheres diante da violência masculina. Vejamos qual é o problema enfrentado pela personagem no conto:

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. [...] Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim. [...] Certa vez, uma de suas professoras me chamou, para saber se, em casa, éramos severos com ela. Ela observara que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande. Expliquei para a moça que não. Que o pai implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia. Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la com palavras de deboche. Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investiu contra ela, porque eu estava por perto (EVARISTO, 2016, p. 28-30).

O que Shirley Paixão e a professora não sabiam era que o pai abusava da filha que, como consequência, exigia muito de si mesma e demonstrava-se arredia com as pessoas, apesar de ter muito carinho pelas irmãs e por Shirley. Essas características da menina são sinais da violência que sofria silenciosamente e, por isso mesmo, o pai sente-se enraivecido ao saber que estão notando que algo que está errado com o comportamento da filha e sua implicância com ela. Porém, ao sentir-se ameaçado, ele não recua e parte novamente para a monstruosidade que o toma.

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava

dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando àquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso – afirma Shirley, chorando – que Seni, para a sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos. As irmãs acordaram apavoradas engrossando a gritaria e o pedido de socorro. A princípio, não reconheceram o pai – só podia ser um estranho – e começaram a chamar por ele e por mim. Nem assim o desgraçado recuou. E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado por ele diversas vezes, desde quando a mãe dela falecera (EVARISTO, 2016, p. 31-32).

O comportamento da menina é condizente com seu sofrimento, pois ela era apenas uma criança de 12 anos, que há tempo vinha sendo violentada. Perdeu sua mãe muito cedo e, apesar de ter um pai, era como se não o tivesse. No entanto, ela tem a sorte de se deparar com Shirley Paixão, sua madrastra, que é quem a salva do homem que nunca deveria ter sido seu pai. Já as irmãs, como não sabiam de nada do que estava acontecendo, ainda depositavam no pai a segurança da casa, a ponto de o chamarem pensando que se tratava de outra pessoa invadindo o quarto. É apenas com a chegada da protagonista que a cena decadente termina.

Nesse momento, eu já estava alcançando o quarto das meninas, no andar superior. E não conseguia atinar como alguém, que não tivesse a chave, pudesse ter entrado em nossa casa. Só podia ser ele, mas não imaginava a brutalidade da cena. Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até ao fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como traca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão. Na metade do segundo movimento, alguém me segurou – uma vizinha. Outras e outras pessoas chegaram despertadas pelos gritos (EVARISTO, 2016, p. 32-33).

Shirley Paixão foi a salvação definitiva para Seni, já que, depois do ocorrido, o homem foi preso. Porém, a história do conto é tão atual que tudo não termina rapidamente bem. Antes de serem definitivamente felizes no desfecho da narrativa, a protagonista também é presa, por agredir o homem que violentava a menina. Parece contraditória a prisão, e de fato é, mas o que podemos concluir disso é que se trata de uma representação da realidade, pois vemos diariamente nos noticiários casos em que a vítima é presa por se defender ou defender outra pessoa que estava na mira do bandido e, assim, colocam-se vítima e bandido no mesmo patamar.

No caso do conto, Shirley Paixão não quis fugir do local como algumas pessoas sugeriram. Para ela, o que importava naquele momento era amparar Seni, cuja sensação “foi a de que pegava um bebê estrangulado no meu colo. Naquele momento de total incompreensão diante da vida, eu não sabia o que dizer para Seni. Somente a embrulhei no lençol e fiquei com ela no colo, chorávamos” (EVARISTO, 2016, p. 33). A protagonista representa uma mulher forte, que não se preocupou se havia matado ou não seu companheiro, que virou ex. O que importava para ela era a união que estava mantida com a menina, uma união de mãe e filha. Só depois de três anos na prisão Shirley Paixão reinicia sua vida junto com suas filhas, sem deixar a dor sobressair.

Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas nestas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica, escolheu o ramo da pediatria (EVARISTO, 2016, p. 34).

Essa “irmandade” das mulheres no conto representa aquilo que Butler (1998, p. 24) diz sobre a “necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres”, como uma característica do feminismo, em que todas lutam juntas pelo mesmo objetivo. No caso do conto de Conceição Evaristo (2016), o objetivo em comum foi a luta contra a violência sexual travada contra o pai de Seni. A batalha de Shirley Paixão não foi por ela mesma, mas pelas mulheres: suas iguais.

Assim como essa personagem, outra grande mulher da ficção é “Lia Gabriel”, cujo nome é também o título do décimo conto de *Insubmissas*

lágrimas de mulheres, em que é narrada sua história. Sua vida foi como a de muitas outras mulheres, que vivem lutando contra aquilo que as atrapalham e as fazem infelizes. Aliás, todas as tristes histórias do livro se confundem, já que têm uma única raiz: a violência contra a mulher, advinda dos homens.

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente. Por breves instantes, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Líbia, Shirley, Isaltina, Da Luz, e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo (EVARISTO, 2016, p. 95).

Essa relação ressaltada entre as histórias do livro representa a simetria entre todos os contos, em que maioritariamente, um tem relação com o outro. Isso porque as mulheres citadas (protagonistas das histórias), carregam suas cruces, porém não se deixam vencer diante da discriminação e violência. Elas dão a volta por cima e passam a viver sem as causas de seus danos, ou seja, sem os homens que as fazem sofrer.

No caso de Lia Gabriel, ela sofre em consequência da doença do filho diagnosticado esquizofrênico. Porém, ela não sabia que esse mal era advindo de uma agressão cometida pelo pai quando o filho era ainda um bebê. A cruz que carregou por muito tempo foi tão pesada que, quando a narradora chega à casa de Lia Gabriel, esta se sente aliviada por poder dividir sua história com alguém: “Tenho vivido muito sozinha – foram essas as primeiras palavras de Lia Gabriel – há muito tempo tenho tido desejos de falar para alguém esse episódio de minha vida. Boa hora a de sua chegada [...]” (EVARISTO, 2016, p. 95). Como a narradora se interessa pelos acontecimentos da vida da mulher ouvida, esta se sente à vontade e confiante, e inicia o enredo de sua história.

Ficamos sabendo que Lia Gabriel cuida sozinha de um filho e de mais duas filhas (gêmeas), as quais ajudam a cuidar do menor. Já o marido não está mais presente, pois partiu covardemente depois de ter agredido a mulher e o menino. A agressão, como ocorre na vida real, foi por um motivo banal, de pura ignorância do homem que acha que a mulher deve servi-lo como se fosse sua empregada. Vejamos como ocorreu o fato em questão:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturcidas. Eu só escutava os gritos e o temor delas. Em seguida, ele me jogou no quartinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa do corpo, me chicoteando várias vezes. Eu não emiti um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que mais me doía era o choro desamparado delas. Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava. Foi tanto o sofrimento, que não sei calcular quanto tempo durou, se segundo ou horas (EVARISTO, 2016, p. 101-102).

Com toda essa cena brutal, o que mais doía na protagonista não eram as chicotadas, mas o choro e desespero dos filhos que não sabiam ao certo o que estava acontecendo. Quanto ao agressor, ele não poupou nem mesmo o filho, que desencadeou uma doença devido ao trauma do ocorrido. Sem o marido, Lia Gabriel teve de se reerguer para sustentar sozinha os filhos, já que o pai sumiu no mundo. Ela não se dá por vencida e se reinventa, fazendo de tudo para manter a casa:

Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs, como professora de matemática, e passei a dar aulas particulares em casa. [...] Trabalhar em casa foi a solução encontrada, e eu não tinha como pagar uma auxiliar para me ajudar a cuidar das crianças (EVARISTO, 2016, p. 98).

Porém, com o diagnóstico do filho, Máximo Gabriel perdeu muitos alunos, já que tinha que se dedicar ao tratamento. De madrugada, na intenção de conseguir dinheiro, fazia consertos em aparelhos, e, segundo ela, é a “única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade” (EVARISTO, 2016, p. 99).

São os filhos que a dão força para seguir tentando e não desistir, pois Lia Gabriel sabia que eles dependiam unicamente dela. Quanto ao tratamento do menino, ela fazia de tudo para dar seguimento. Foi só depois de passar por

muitas opiniões de especialistas, que uma médica descobriu que o que realmente afetava o menino era a lembrança do pai que, para ele, era um monstro: “Ela escutara Máximo Gabriel, em um dia de suas crises, entre socos e pontapés contra o monstro que o perseguia, dizer que queria matar o pai” (EVARISTO, 2016, p. 103). A protagonista diz ter se sentido envergonhada por ter escolhido aquele homem para pai de seu filho, no entanto, a descoberta da médica trouxe para ela novas “esperanças de que Máximo Gabriel possa vencer a imagem do monstro, que se desenhava na mente dele, quando ele tinha apenas dois anos” (EVARISTO, 2016, p. 103). Apesar de Lia Gabriel terminar o conto tendo de enfrentar juntamente com as filhas a doença de seu menino, ao menos sabe a origem da raiva que Máximo sente e, assim, tem mais esperanças que a fazem seguir em frente.

Aproximando os três contos aqui analisados, percebemos que suas protagonistas viveram com maridos que tinham um conceito de mulher estereotipado e que há tempos vem sendo reforçado. Para Judith Butler (1998, p. 25), “o que mulheres significa foi dado como certo durante tempo demais e o que foi determinado como ‘referente’ do termo foi ‘fixado’, normalizado, imobilizado, paralisado em posições de subordinação”. Desse modo, os maridos de Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel consideram a mulher como servil, tanto sexualmente como nas tarefas de casa, e, assim, para esses homens, as protagonistas representam uma posição de subordinação, como destaca Butler (1998). No entanto, mesmo usando a violência como método para tornar essas mulheres submissas, elas não o são, muito pelo contrário, como o próprio título da obra sugere são submissas. Apesar de derramarem suas lágrimas, elas não se submetem à violência contra elas e seus filhos, nem mesmo se dão por vencidas. Essas personagens se reerguem e vivem plenamente apenas depois que estão longe dos homens que as fizeram sofrer. Desse modo, não representam apenas a força da luta contra seus agressores, mas também a luta contra a dominação masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* quebra com muitos estereótipos a respeito da representação da mulher, sobretudo no que concerne à sua submissão e ao papel na sociedade. As personagens de Conceição Evaristo se mostram espertas e dispostas a enfrentar o mundo pelos seus filhos, com trabalho e amor. São mulheres que sustentam uma casa sem a presença de um homem, pois são dispensáveis para suas vidas. Em “Aramides Florença”, a

narradora nos conta que a protagonista era “chefe do departamento de pessoal de uma promissora empresa; ele, funcionário de um grande banco” (EVARISTO, 2016, p. 11). Nesse caso, ela não tem um emprego inferior ao homem e exerce um cargo antes só disponibilizado ao sexo masculino. Mesmo sendo uma simples menção ao trabalho da personagem, o trecho já representa uma visão feminista dentro da obra, pois esse assunto que diz respeito ao campo profissional foi e continua sendo de grande debate dentro das discussões de gênero.

Apesar de serem ficcionais, os contos “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel” contribuem para a construção do leitor como cidadão, a ponto de fazê-lo refletir sobre a violência e discriminação de gênero, já que as histórias narradas são representações da vida real, uma vez que milhares de mulheres passam pelos mesmos sofrimentos que as protagonistas. Segundo Thomé (2012, p. 191),

Conceição Evaristo, ao relatar situações de mulheres insubmissas, registra ficcionalmente situações que muitas mulheres passam ainda em pleno século XXI, constituindo-se em uma memória de um “descaso” ao feminino que não se faz calar.

Sendo assim, a obra acarreta a “compreensão do mundo contemporâneo, à medida que permite entender vivências de opressão feminina, luta por um contexto livre de preconceito ou de qualquer tipo de discriminação e ainda possibilita formar aquele que a lê” (THOMÉ, 2012, p. 191).

Desse modo, os três contos aqui analisados têm caráter humanizador. Por meio da ficção, eles retomam discussões de gênero que devem ser fomentadas ainda mais, devido à realidade em que vivemos. Sabemos que muitas mulheres sofrem caladas com a violência simbólica ou física e, por isso, os textos de Conceição Evaristo também não deixam de agir como incentivo a elas, já que contemplam personagens insubmissas, que lutam contra a dominação masculina.

Women’s strength in front of the male domination in some tales of Conceição Evaristo’s work *Insubmissas lágrimas de mulheres*

Abstract

The present study brings to discussion three tales included in the work *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), whose author, Conceição Evaristo, is a

huge reference nowadays in relation to feminist literature. The texts selected of the book in issue for analyze are “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” and “Lia Gabriel”, that although independents from each other, broach the same theme: the violence against women. As of this, we seek to verify how the tale’s female protagonists bounce back in front of the aggression and not accepting the submission. Being through her voice or her acts, the Evaristo’s characters have the word and use it for the domestic peace.

Keywords

Conceição Evaristo. Feminist literature. Violence.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

CALDWELL, K. L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 91-108, 2000.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

SOBRINHO, S. T. *A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP9VNLDR/disserta__o_insubmissas.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 jun. 2017.

THOMÉ, C. M. Insubmissas lágrimas de mulheres (resenha). *Literatura em Debate*, v. 6, n. 11, p. 190-193, dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/653/1210>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

Recebido em 23-08-2017

Aprovado em 26-10-2017